

PARA UMA COMPREENSÃO DISCURSIVA DO DIGITAL: O SENTIDO DE TECNOLOGIA

Cristiane Dias¹

O conjunto de análises que venho fazendo da/na/sobre a materialidade digital tem me levado a afirmar que uma compreensão discursiva do digital só é possível a partir de uma compreensão mais ampla sobre o sentido de tecnologia. Essa compreensão implica um trabalho sobre tecnologia que leve em conta sua historicidade, sua exterioridade, a saber, seus efeitos, suas derivas e filiações. Nessa perspectiva, minha proposta para esse simpósio, que tem como objetivo discutir questões relativas às textualidades digitais, levando em conta sua discursividade, sua materialidade e seus efeitos nas práticas sociais e políticas contemporâneas, é tratar das condições materiais de existência, hoje, no mundo, tendo o digital como mediador da relação do sujeito com esses modos de existência, em sua materialidade.

O discurso da tecnologia em geral produz, portanto, efeitos na maneira como o digital se materializa na sociedade, discursivamente, como uma das peças importantes do modo de organização da vida em seu conjunto, na formação social capitalista, e do modo de individuação do sujeito pela conectividade como “autenticadora” da entrada desse sujeito no mundo “civilizado” ou como aquela que o identifica em sua posição sujeito na sociedade. Para a análise, parto do trabalho com a memória e o imaginário da tecnologia produzido pelo sentido de conectividade, para compreender, no gesto automatizado de conectar, o efeito da falha, ou melhor, para compreender onde o sentido se inscreve quando a conexão falha.

Em 2000, quando veio a público o projeto de implantação da Sociedade da Informação no Brasil, o maior esforço que o Ministério da Ciência e Tecnologia

¹ Doutor. Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB/Nudecri-Unicamp).

demandava a todos os setores da sociedade: governo, empresas, sociedade civil, era o investimento em conectividade.

A sociedade da informação desenvolve-se através da operação de conteúdos sobre a infraestrutura de conectividade. Portanto, seu desenvolvimento requer um esforço nacional para aumentar a disseminação da Internet e, ao mesmo tempo, uma adequação das tecnologias de informação e comunicação ao usuário brasileiro, com *softwares* próprios e de fácil uso, bem como um volume de conteúdos que atendam às necessidades de informação e expressão dos cidadãos de todas as regiões do País, quaisquer que sejam os assuntos de seu interesse. (TAKAHASHI, 2000, p. 65)

Considerada “fator estratégico para o desenvolvimento das nações” e para o “desenvolvimento humano”, a conectividade à Internet foi se impondo mais e mais como condição da vida material, na medida em que o discurso dos benefícios da conectividade foi dividindo o mundo entre os “sem conectividade” ou “desconectados” e os conectados. Os mapas da conectividade foram cartografando um mundo de redes sociais, torres, fibra ótica, empresas, controle... Foram cartografando domínios e formas de poder por conectividade, ou desconectividade, se consideramos os países onde ela pode ser cortada deliberadamente pelos governantes, como foi o caso do Egito, em 2011.

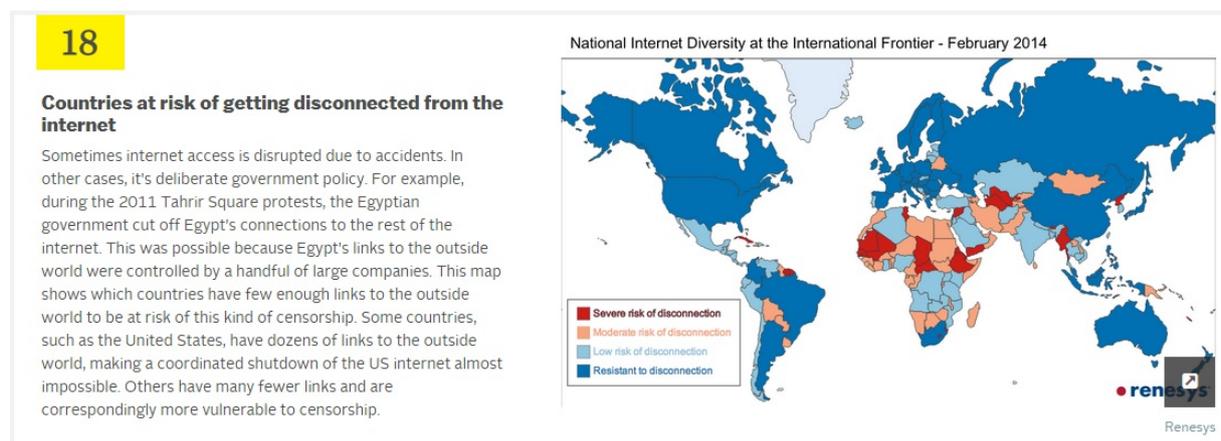


Figura 1. <http://www.vox.com/a/internet-maps>

Mais recentemente, na corrida pela “conectividade” para o mundo, as grandes empresas de tecnologia se uniram através de uma iniciativa do Facebook, “com o objetivo de conectar os dois terços do mundo que não têm acesso à Internet”.

Através do Internet.org, essas empresas querem acabar com a divisão digital do mundo. Se nos anos 2000 cabia ao Estado a tarefa de conectar as populações mais distantes e carentes, através de políticas públicas, como os Telecentros e outras iniciativas, hoje, o Facebook e as empresas tomam para si essa tarefa. Há muito o que compreender discursivamente nesse projeto empresarial de conectar o mundo, mas esse não é meu foco aqui, hoje. Por ora, gostaria apenas de olhar para os sentidos e as filiações do discurso do Internet.org como contraponto à discursividade da conectividade, no sentido de compreender qual é o pré-construído que sustenta o discurso da conectividade e sua eficácia simbólica (mas também técnica e ideológica).

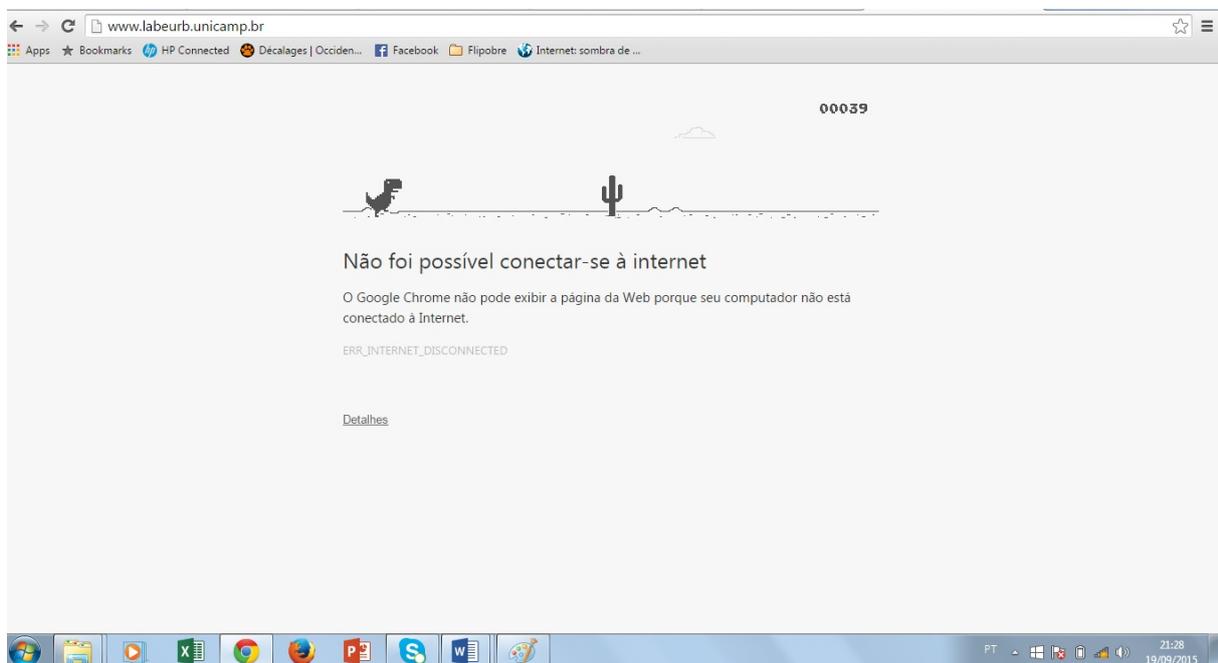
Nas palavras de Pêcheux (1995, p. 164), “... o pré-construído corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o mundo das coisas)”. Que “realidade” e que “sentidos” dão forma ao nosso mundo das coisas na busca pela conectividade total? Que sentidos para o moinho de vento de Mehtar e Mostak? Ou para o mundo mágico de Neesha? Ou para a pequena loja local de discos de Lian? Ou ainda para o incrível invento do braço de robô de Erika e Esmeralda? Personagens que protagonizam as histórias divulgadas pelo Facebook na campanha do Internet.org. Que realidade e que sentido o discurso da conectividade fornece-impõe aos sujeitos sob a forma da universalidade?



Figura 2 www.internet.org

Sentidos de uma divisão social, política e econômica do conhecimento, estabelecida pelo fator de conectividade à internet. Essa divisão tem efeitos na vida cotidiana dos sujeitos, pelo funcionamento da memória. Assim, meu objetivo é compreender o funcionamento da palavra “conectividade” na discursividade do digital. Para tanto, vou tomar o Internet.org como ponto de partida para olhar para algo ainda mais específico e evidente para os conectados do mundo, que é a tela de “erro de conexão” de uma das maiores empresas do mundo da Internet, Google, através de seu navegador, o Google Chrome.

Que sentidos são produzidos nessa tela para a não-conectividade?



Para aqueles habituados à conexão à Internet, os conectados do mundo, se deparar com essa tela do Google Chrome produz, no mínimo, um sentimento de frustração, desespero em algumas ocasiões, um vazio, uma falta, um sem-sentido, um não poder significar. Quando a conexão falha, a falta se impõe. Aqui estou tratando falha e falta a partir de Orlandi (1999, p. 71), para a qual a falha é o lugar do possível e a falta é “o que foi tirado do sentido, o que não pode significar”. Desse modo, a falha, nesse caso, seria da ordem do sistema como estrutura e acontecimento e a falta, aquilo que por estar de-significado, “impede que certos sentidos possam fazer (outros) sentidos” (ORLANDI, 1999, p. 66).

Nessa perspectiva, é preciso compreender, e tenho buscado compreender essa questão em outros objetos de análise, o modo de individuação do sujeito capitalista, pelo discurso da tecnologia, e os efeitos produzidos nos processos de identificação, na produção de sentidos. Efeitos esses dentre os quais um deles é o da completude, comumente produzido pelo discurso da tecnologia como aquela que não falha.

A tela do Google Chrome, nesse sentido, é um encontro com a falha da tecnologia, a falha da estrutura na conectividade. O equívoco da completude da técnica.

A imagem estranhamente familiar, seguida da formulação “não foi possível conectar-se à internet. O Google Chrome não pode exibir a página da Web porque seu computador não está conectado à Internet” e em caixa alta “ERR_INTERNET_DISCONNECTED”, dá o veredito: DISCONNECTED!

No topo da tela, um aparentemente frágil e singelo “dinossaurinho” em pixel arte andando em direção a um cacto numa paisagem desértica, “faz da imagem como que a recitação de um mito” (Pêcheux, 1999, p. 51). Se em um tempo remoto, há mais de 200 milhões de anos, os dinossauros foram uma espécie dominante (e extinta) na Terra, é aí que se inscreve o fato do discurso da desconexão, na memória discursiva da extinção de um tempo e de uma espécie, os desconectados, restabelecendo o pré-construído da conectividade. Restabelecer a conexão. Estabelecer a conexão para o Internet.org é o desejo e a necessidade que se impõe.

Caso contrário, teríamos um sujeito extinto, vagando no deserto. Uma imagem da não-civilização ou de um período não-civilizado, não habitado pela espécie humana, mas por répteis. Segundo a comunidade científica, paleontólogos e geólogos, os dinossauros foram extintos da Terra há 65 milhões de anos em decorrência de uma das mudanças sofridas pelo planeta Terra no transcorrer do tempo geológico.

Esse é também um sentido possível pela filiação à memória na qual se inscreve a imagem da tela exibida pelo Google Chrome quando não há conexão: a de que uma mudança na Terra foi produzida com a chegada da conectividade à

Internet. Um outro tempo, no qual se reconhece um sujeito cuja espécie “evoluiu”, portanto, um sujeito “conectado”.

Para aqueles que se aventuram a jogar no deserto dos dinossauros desconectados... Game Over! Fim de Jogo.



O que está funcionando como sustentação do discurso da conectividade é que não há possibilidade para o sujeito fora da conectividade. A evidência da conectividade “oculta que esta resulta de uma identificação-interpelação do sujeito” (PECHEUX, 1995, p. 155).

Assim, a conexão à Internet põe em funcionamento sentidos de uma “autenticação” da entrada desse sujeito no mundo “economicamente ativo”, em que o seu conhecimento sobre algo “vale”, ou como aquilo que o identifica enquanto sujeito do discurso, em sua posição na sociedade. A falha na conexão, na estrutura, o confronto com o pré-construído de que estar desconectado é estar isolado espacialmente, mas, sobretudo, no tempo, já que fora da velocidade das redes, o tempo não é compatível com o tempo da economia do conhecimento.

Portanto, conectar-se, para os que têm acesso à Internet, é um gesto automatizado. O sujeito está sempre conectado. “Ficar off-line não é uma opção”

como diz a propaganda de uma das maiores empresas de telecomunicação brasileira.

É nesse dizer que o sujeito se reconhece. Reconhecimento fundado sobre um desconhecimento de uma realidade que é fornecida ao sujeito por um efeito do real sobre si mesmo, como afirma Pêcheux (1995, p. 170). E diz ainda, o autor: “é nesse reconhecimento que o sujeito ‘esquece’ das determinações que o colocaram no lugar que ele ocupa”.

Nesse sentido, a falha do sistema de conexão é o lugar do possível, é onde o sujeito pode produzir o deslocamento, a desregularização, no próprio sistema de conectividade, produzindo outros sentidos possíveis que não aqueles que lhe é dado a pensar, para conectividade e desconectividade e, em consequência, para conhecimento e o mundo. Outros sentidos para “quanto mais nos conectamos, melhor fica”.

REFERÊNCIAS

ORLANDI, Eni. Maio de 1968 : os silêncios da memória. Trad. José Horta Nunes In. ACHARD, P. et. al. *Papel da memória*. Campinas : Pontes, 1999. p. 59-71.

PECHEUX, Michel. Papel da memória. Trad. José Horta Nunes In. ACHARD, P. et. al. *Papel da memória*. Campinas : Pontes, 1999. p. 49-56.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et. al. 2 ed. Campinas : Editora da Unicamp, 1995.

TAKAHASHI, Tadeu. (org.) *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Ministério da Ciência e Tecnologia. Brasília : set. 2000.